

# *Jovens e Idosos Juntos numa Turma de Francês Língua Estrangeira: Isto é Possível?*

JEUNES ET ÂGÉS ENSEMBLE DANS UNE CLASSE DE FRANÇAIS LANGUE ÉTRANGÈRE: EST-CE POSSIBLE ?

Luiz Carlos Balga **RODRIGUES** \*

**Resumo:** Este trabalho pretende, através de um estudo de caso, provar que é perfeitamente possível que alunos jovens e idosos dividam o mesmo espaço da sala de aula de francês língua estrangeira. Em vez de segregar os mais velhos, criando turmas específicas para sua faixa etária, os cursos deveriam assegurar, ou pelo menos facilitar, esta convivência, garantindo aos idosos mais espaço na sociedade e respeito por suas escolhas e aspirações. Na falta de métodos que se dediquem a esta faixa etária, cabe ao professor desenvolver estratégias de trabalho que promovam esta integração entre jovens e idosos, conciliando os interesses e explorando as habilidades de cada grupo.

**Palavras-chave:** Ensino de língua estrangeira. Francês língua estrangeira. Terceira idade.

**Résumé:** Ce travail vise, à partir d'une étude de cas, à prouver que c'est tout à fait possible que des apprenants jeunes et âgés partagent le même espace de la salle de classe de français langue étrangère. Au lieu de discriminer les séniors par la création de classes restreintes à leur tranche d'âge, les cours devraient assurer, ou au moins rendre plus facile, cette convivialité, garantissant aux gens âgés plus d'espace dans

---

\* Professor Adjunto de Letras Francesas da Faculdade de Letras Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutor em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008). Mestrado em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005). Contato: balga@superig.com.br

la société et le respect de leurs choix et de leurs aspirations. En raison du manque de méthodes consacrées à cette tranche d'âge, c'est au professeur de développer des stratégies de travail qui puissent promouvoir cette intégration entre jeunes et âgés, conciliant leurs intérêts et explorant les habilités de chaque groupe.

**Mots-clés:** Enseignement de langue étrangère. Français langue étrangère. Troisième âge.

## Introdução

“*La chose fut exquise et fort bien ordonnée*”.<sup>1</sup> O verso de Victor Hugo, com o qual se inicia o poema *La fête chez Thérèse*, citado pela aluna mais idosa de uma turma de francês língua estrangeira (FLE), parece ser a definição mais sucinta e apropriada para o trabalho que realizamos no ano de 2009, num curso de idiomas da zona sul do Rio de Janeiro. A turma era composta de dez alunos, sendo sete alunas com idade de 66 a 74 anos e três jovens (um rapaz e duas moças) com idades de 21, 20 e 22 anos. Tratava-se de uma turma de aperfeiçoamento. Pessoas que já tinham no mínimo cinco anos de estudo de francês, mas que queriam desenvolver a habilidade oral e, principalmente, não perder o contato com a língua. As sete alunas idosas já eram minhas alunas havia três semestres, no mesmo curso de aperfeiçoamento, pois não se tratava de um curso sequencial. Os três jovens entraram neste grupo em virtude do cancelamento da turma na qual se haviam inscrito, devido ao número insuficiente de alunos para abertura de turma, segundo os critérios do curso.

Calquei meu trabalho sobretudo na observação e na aplicação de dois questionários abertos muito reduzidos. Pensando numa experiência anterior, não tão positiva, de convívio entre adolescentes e idosos no mesmo grupo e, como que pressentindo a possibilidade de pesquisa que se anunciava, resolvi aplicar o primeiro questionário apenas às alunas idosas, antes da chegada dos alunos jovens. Elas foram avisadas previamente da chegada dos novatos e responderam às seguintes

---

<sup>1</sup> HUGO, Victor. *Les Contemplations*. Paris: Nelson, 1910. p. 66-67.

perguntas: “Qual sua expectativa para a chegada dos três novos alunos na sala de aula? Na sua opinião, isso pode ser um fator positivo ou negativo para a realização dos seus objetivos de estudo?”. Outro questionário foi aplicado a todos os alunos no final do curso. Aos alunos jovens perguntei: “Como se sentiram no momento em que entraram na nova turma e se deram conta de que era basicamente uma turma de terceira idade? E agora, ao final do curso, como avalia a sua experiência?”. Às idosas, perguntei apenas como avaliavam a experiência desse convívio ao final do curso. Todas as outras informações relevantes (idade, profissão, interesses, formação, lazer) foram colhidas no decorrer do convívio com os alunos.

Um dado especialmente relevante é que todas as alunas idosas possuíam um elevado grau de instrução e cultura. Todas, aposentadas ou donas de casa, possuíam nível superior: quatro professoras, uma advogada, uma enfermeira e uma funcionária pública formada em administração de empresas. Dos três jovens, o rapaz era estudante de Engenharia Eletrônica e as moças eram estudantes de Ciências Sociais e História. Todos já haviam viajado para o exterior e conheciam a França, que era para eles uma referência positiva e o verdadeiro estímulo para prosseguirem nos estudos de francês.

No semestre anterior, a turma (até então apenas com as sete idosas) pediu que, no semestre seguinte, fosse montado um curso baseado na literatura francesa. Todas queriam ler textos literários e discuti-los em aula. Solicitaram-me, então, que preparasse uma espécie de apostila com os textos dos autores mais significativos da literatura francesa. Animado e conhecedor do gosto das alunas pela literatura, foi o que fiz. Não sabia ao certo se seria do agrado dos novos alunos, mas eles foram advertidos pela secretaria do curso quanto ao conteúdo de nossas aulas e aceitaram assim mesmo participar do grupo. Na primeira aula, disseram-me que achavam interessante a proposta e, para minha surpresa, o rapaz parecia o mais animado, pois disse que gostava muito de literatura e o curso seria um estímulo, pois traria um universo muito diferente daquele com o qual costumava conviver no dia a dia. Passado o momento das primeiras apreensões e afastadas as primeiras possibilidades de entrave, começou nosso curso já com a turma “mista”. Por mais que me tranquilizasse com a cordialidade e a empatia que se instalou naquele primeiro momento, não deixava de

pensar na possibilidade de criar um trabalho, um projeto que efetivamente reunisse as duas faixas etárias e servisse como laboratório para situações futuras que viessem a se repetir. Identificaremos as alunas idosas com letras de A a G; o rapaz será identificado como H; e as duas alunas jovens chamaremos de I e J.

Ainda são muito pouco numerosos os trabalhos sobre terceira idade e ensino/aprendizagem de língua estrangeira. Além disso, grande parte desses estudos enfatizam ora os aspectos cognitivos, ora a questão da socialização, da necessidade que muitos idosos sentem de provar sua capacidade. Em nosso caso específico não se trata nem de um caso, nem de outro. Todos os alunos em questão já possuíam conhecimento suficiente de francês (que poderia ser classificado entre B1 e C1, segundo o quadro europeu comum de referência para as línguas), com diferentes graus de desempenho oral e escrito, mas não eram de forma alguma iniciantes no estudo do idioma. Além disso, as idosas presentes também não buscavam na sala de aula uma socialização a todo custo. Já possuíam, segundo seus depoimentos, uma vida social bastante significativa junto a familiares e amigos. Frequentavam teatro, cinema, exposições; viajavam, organizavam almoços e jantares (inclusive entre elas); comemoravam os aniversários dos membros do grupo fora da sala de aula: ocasiões em que o professor era sempre convidado, assim como os alunos mais jovens da turma. O que nos motiva nesse trabalho é, na verdade, analisar como se dava a interação em sala de aula, ou seja, a forma como a aula se desenrolava com dois grupos etários tão distintos e objetivos tão diferentes.

## **1 Análise dos dados: o receio do contato**

Usamos aqui a expressão *terceira idade* tal como foi cunhada pelo gerontologista francês Huet para se referir à fase mais madura da vida humana, por volta da aposentadoria (HADDAD, 1986, p. 25). Corresponde, portanto, à fase improdutiva da vida humana, uma entre tantas razões para o preconceito de que tanto são vítimas os idosos.

Envelhecer, para a imensa maioria das pessoas, significa entrar em declínio físico e mental. A mídia ajuda a criar essa crença, pois o idoso é quase sempre retratado de forma caricata, seja como uma criança indisciplinada, seja como alguém insuportavelmente ranzinza,

surdo, alcoviteiro, puritano. “O jovem é a imagem da beleza, da alegria, da energia. O velho, em contrapartida, é a imagem da feiúra, do declínio, da tristeza e da lentidão.” (PIZZOLATTO, 2008, p. 239).

Interessante notar como esses elementos apareceram nas respostas aos questionários distribuídos, ainda que não se tratem de idosas com tantos problemas de socialização. Elas não estão, todavia, totalmente imunes a esse tipo de preconceito e parecem ter plena consciência desse problema. Em vários momentos, as alunas pareciam ter incorporado a imagem negativa que a sociedade possui em relação aos idosos:

Vamos ver como os jovens vão nos receber. Será que vão se adaptar a uma turma de velhas? (aluna A)

Não sei se terão paciência de nos aguentar. (aluna B)

E se eles não quiserem continuar? Corremos o risco de também mudarmos de horário? (aluna C)

Nem todos os jovens são iguais. Alguns conseguem conviver bem com os mais velhos. Espero que eles sejam assim. (aluna D)

[...] seja o que Deus quiser. (aluna E)

Houve duas manifestações positivas:

[...] acho ótimo. Estamos sempre aprendendo com os jovens. (aluna F)

Muito legal. Dá uma renovada na turma. Por que não? (aluna G)

É interessante observar como essas respostas são reveladoras desse *poder* atribuído à juventude atualmente. A aluna A disse “vamos ver como vão nos receber”, quando na verdade a turma das idosas já existia e são elas que efetivamente iriam receber os jovens, inclusive

pelo fato de serem mais numerosas. As falas das alunas B e C são reveladoras de que o poder é visto como algo pertencente aos jovens. São eles que decidem, como se os três alunos novos pudessem interferir numa turma já constituída. A aluna D ao falar de “alguns” jovens, deixa claro que a maioria, a seu ver, não consegue conviver muito bem com os idosos e a aluna E acha tão aleatória a questão, que prefere lançar ao acaso ou à sorte o desenrolar dos acontecimentos. Vejamos o que sobre isto diz Bosi (2010, p. 78):

A moral oficial prega o respeito ao velho mas quer convencê-lo a ceder seu lugar aos jovens, afastá-lo delicada mas firmemente dos postos de direção. Que ele nos poupe de seus conselhos e se resigne a um papel passivo. Veja-se no interior das famílias a cumplicidade dos adultos em manejar os velhos, em imobilizá-los com cuidados para ‘seu próprio bem’. Em privá-los da liberdade de escolha, em torná-los cada vez mais dependentes ‘administrando’ sua aposentadoria, obrigando-os a sair de seu canto, a mudar de casa (experiência terrível para o velho) e, por fim, submetendo-os à internação hospitalar. Se o idoso não cede à persuasão, à men-tira, não se hesitará em usar a força. Quantos anciãos não pensam estar provisoriamente no asilo em que foram abandonados pelos seus!

Interessante observar que as duas idosas que se mostraram mais receptivas em relação aos novos alunos eram as que mais conviviam com seus netos. A aluna F morava com um dos netos e a aluna G chegou a levar seu neto uma vez para assistir à aula. Ambas eram professoras aposentadas. Isso parece indicar que a maior convivência entre as faixas etárias pode servir como um elemento dissipador do preconceito.

Em relação aos jovens, questionados ao final do curso sobre o que sentiram quando ingressaram na turma dos idosos, deram-me as seguintes respostas:

Convivo com meus avós e não tenho nenhum problema com idosos. Pensei que pudesse ser chato, assim, na hora de ouvir as músicas, de ver alguns vídeos. Eu não gosto muito daquelas

músicas francesas que meu avô adora: Charles Aznavour, Mireille Mathieu... (aluno H)

Achei que não fosse me adaptar, mas depois vi que todas são muito fofas. Só que elas falam muito, muito, muito. (aluna I)

Pra falar a verdade, levei um susto, no início. Acho horrível falar isso, me senti super preconceituosa, mas vi que não tem nada a ver. (aluna J)

Como se pode notar, embora se trate de jovens esclarecidos, o preconceito ainda assim se faz presente. Em todos eles aparece em maior ou menor escala o receio de uma convivência difícil por conta da diferença de gostos e de comportamento.

## **2 Diferentes comportamentos e motivações**

Os estudos de Brown (1985) e Preston (1989) revelam certas características dos alunos de terceira idade, como, por exemplo, serem pouco favoráveis à passividade em sala de aula: “[...] elas falam muito, muito, muito” (aluna J). Os alunos de terceira idade estão constantemente sugerindo temas e atividades ao professor, de forma a adaptar a aula às suas dificuldades, às suas necessidades e aos seus objetivos.

Preti (1991) sublinha a importância da narrativa, da conversação para os idosos, como um modo de negar o confinamento social imposto pela sociedade em que ele vive.

Os idosos têm, quase sempre, uma tendência muito grande para se tornarem contadores de histórias. Explica-se facilmente esse fato: há um destino educativo no seu papel social e para cumpri-lo existe uma exemplificação farta acumulada ao longo de sua vida. Além disso, há um interesse em relembrar esse passado, valorizando-o em relação ao presente. O ‘seu tempo’ para o idoso, isto é, o tempo de sua juventude, parece-lhe sempre melhor do que a realidade presente em que vive. Por outro lado, na conversação, quando se lhe dá a oportunidade de interagir

naturalmente com outros falantes, o idoso tem a tendência de falar muito, relembrando nas narrativas a sua experiência e revelando muita habilidade em montar o seu discurso [...]. (PRETI, 1991, p. 106)

Preti (1991) defende, em sua obra, a ideia de que, uma vez surgida a oportunidade do engajamento social que propicie uma interação verbal, o sujeito da terceira idade procura compartilhar suas vivências com seus interlocutores. Friedan (1993) sustenta que o homem, porém, tende a se expor menos do que a mulher, já que esta costuma encarar a velhice de modo menos traumático.

Esse apreço pela participação em sala de aula leva a uma constante disputa pela palavra que deve ser administrada pelo professor. Este precisa muitas vezes “acalmar os ânimos” em sala de aula. Impressionante como a visão estereotipada de velhinhos calados e quietos, recolhidos no seu canto é tão presente na sociedade, que causava espanto nos mais jovens a forma tão efusiva como as alunas idosas participavam das aulas. Muitas vezes os jovens entreolhavam-se e riam, como se não entendessem como poderiam aquelas senhoras mães e avós agir como crianças indisciplinadas e afoitas. As conversas paralelas eram constantes. Muitas vezes, o francês era esquecido e a língua materna vinha à tona. Os mais velhos tendem a focar mais no conteúdo que na forma, ou seja, opinar, defender um ponto de vista sobre determinado assunto é mais importante do que o desempenho na língua estrangeira. Esta preocupação, por sua vez, está mais presente nos mais jovens, que raramente se afastam da língua estrangeira, já que focam mais na forma que no conteúdo.

Não podemos nos esquecer, aliás, que, na imensa maioria dos casos, diferentes motivações levam jovens e adultos a procurar um curso de francês. Os jovens são movidos por interesses acadêmicos ou profissionais (a possibilidade de um estágio ou de um intercâmbio no exterior, por exemplo). O francês é quase sempre a segunda ou terceira língua estrangeira, que funciona como um diferencial no seu currículo. No caso dos idosos, o francês funciona não apenas como um passatempo, mas como a retomada de uma língua muito apreciada por eles, que o estudaram na infância ou na adolescência, da qual muitas vezes se afastaram, mantendo um contato quase que exclusivamente

pela leitura ou pelas viagens. Aqueles que começam a estudar francês na terceira idade geralmente são movidos pelo imaginário que envolve a língua francesa, ainda muito presente entre os idosos, que viveram numa época em que o francês era símbolo de status, de elegância, de glamour e seu estudo era tão ou mais disseminado que o da língua inglesa.

Esse comportamento aparentemente indisciplinado e digressivo quanto ao foco da aula tem sua explicação no aspecto psicossociológico da educação que, segundo Vygotsky (1989), não pode ser esquecido pelo professor: a afetividade. Vejamos o que diz Pizzolatto (1995, p. 118):

Além de ver a sala de aula como um lugar propício para o contato social, para a formação de novas amizades, os alunos-sujeitos também apresentam fortes indícios de que necessitam da empatia do professor, ou seja, eles esperam que o professor compreenda os seus problemas, as suas necessidades e seja solidário com eles. Não é por acaso que em ambos os contextos de ensino aqui tratados, constantemente os alunos expõem os seus problemas pessoais, as suas emoções em sala de aula.

### **3 O Projeto de interação**

Algo que sempre questionei é se realmente há a necessidade de se criarem turmas específicas para terceira idade. Tenho a impressão de que fazemos isso por um impulso mecânico, da mesma forma que optamos por criar turmas específicas para crianças ou para adolescentes. Se, num primeiro momento, julgamos que o idoso se sente mais à vontade junto a pessoas da mesma idade, pode-se perceber, a partir de experiências como a que pudemos vivenciar, que os fatos sugerem exatamente o contrário. As classes “mistras” com jovens e idosos parecem ser muito salutares. Muitos idosos anseiam por um contato com os mais jovens, apenas nem sempre têm essa oportunidade, já que a sociedade parece quase sempre segregá-los. Estar perto dos mais jovens significa para os idosos estarem perto da modernidade, dos novos tempos em que, querendo ou não, estão inseridos. O idoso não quer se isolar do mundo. Ao aprender uma língua, ele quer, antes de

tudo, socializar-se. O fato de estar junto a jovens pode servir-lhe de incentivo para que se mostre ainda mais capaz e atualizado.

Foi com base nesta convicção que pus em prática um projeto que servisse de verdadeira interação entre os alunos, para que cada faixa etária ficasse encarregada de uma etapa naturalmente mais voltada para suas habilidades. Decidi propor aos alunos que criássemos uma gravação, um CD em que cada aluno leria um texto literário de sua preferência. No final construiríamos um produto para o qual todos teriam, de uma forma ou de outra, contribuído. Não tinha a menor ideia de como realizar a gravação do ponto de vista técnico e tinha também a certeza do caráter artesanal da nossa empreitada, já que não dispúnhamos de muitos recursos para nosso projeto. O aluno H prontamente se ofereceu para fazer a gravação utilizando um software cujo uso dominava. Passávamos a informação para um pen-drive e ele, em casa, editava cada gravação. A aluna I se ofereceu para fazer a capa, na qual aparecia a foto do grupo, e a aluna J se encarregou de fazer cópias em número suficiente para todos os alunos da turma. No final do curso, na última aula, fizemos nossa festa de fim de semestre e ouvimos o nosso CD.

O mais interessante foi observar como se deu a divisão de tarefas. Os três jovens se ofereceram prontamente para fazer tudo aquilo que as alunas idosas não se sentiam hábeis para realizar: a gravação, o uso do software, o tratamento da foto, a diagramação da capa do CD, ou seja, todas as atividades associadas à modernidade, à juventude. No momento das gravações, as dúvidas iam surgindo e os alunos jovens explicavam às outras alunas o manejo dos recursos. As alunas jovens I e J alegaram não se sentirem muito preparadas para ler um texto em voz alta. Não apenas ficariam nervosas, mas temiam que não tivessem muito “jeito” para textos literários. As alunas E e F, ex-professoras de língua portuguesa, prontificaram-se então a ajudá-las, chegando mais cedo e treinando a leitura dos poemas escolhidos com as jovens.

Pelo que pude constatar, a partir das respostas dadas ao questionário, o projeto do CD foi um sucesso e o que mais me interessava conhecer – o retorno sobre a experiência da turma mista – não poderia ter sido mais positivo:

Adorei conhecer outros colegas mais jovens. Eu me senti até um pouco mais jovem perto deles. (aluna B)

Quanta coisa podemos aprender com essa garotada! (aluna C)

Pra falar a verdade, às vezes eu esquecia que estava no meio de idosas. Elas são todas tão jovens de cabeça quanto eu, ou até mais, né? (aluna J)

Eu achei muito legal. Não acho que tenha muito a ver separar as pessoas só porque são jovens ou velhas. Gostei muito do curso. (aluno H)

Magnífico! Acho que não vivo mais sem este curso e sem os meus colegas. (aluna F)

### **Considerações finais**

O que pude perceber com este trabalho é que a experiência trouxe algo de positivo e que vai além da simples satisfação do professor de sentir ter cumprido o seu papel, ou do prazer do aluno que passou horas agradáveis em contato com uma língua estrangeira que tanto aprecia. Talvez tenha sido uma experiência única que tenha dado certo pela conjunção de fatores que mereceriam por si só novas pesquisas e aprofundamentos: seria o fato de os alunos virem na sua totalidade do mesmo meio social um fator determinante do sucesso? O fato de um dos jovens ter declarado conviver frequentemente com seus avós e as outras duas jovens serem estudantes de Humanidades e gostarem de literatura seriam outros fatores fundamentais para o curso ter dado certo? Quaisquer respostas apressadas a estas perguntas seriam meras conjecturas que nada teriam de científico e, repito, não são, para nós, o mais importante nesse momento.

Repensar a prática pedagógica com alunos de terceira idade e encontrar soluções para impasses de convivência em sala de aula que, porventura, venham a surgir devem ser as preocupações de todo professor que lida com essa faixa etária. Mais do que procurar o caminho fácil da turma homogênea, que sob a alegação do respeito às

particularidades, termina por segregar os idosos, devemos sim pensar no caminho mais justo da socialização. Respondendo à questão título do nosso trabalho, podemos afirmar que sim, é possível jovens e idosos juntos dividindo o mesmo espaço da sala de aula. Cada um pode trazer suas experiências, sua vivência, seu campo de interesse e de conhecimento para que, juntos, construam o aprendizado. Cabe ao professor a tarefa de promover esse encontro, de fazer da sala de aula um espaço de troca, onde certamente jovens e idosos possam ensinar e aprender uns com os outros. Retomo aqui a intervenção tão espirituosa da aluna mais idosa do grupo (aluna A) que, indagada sobre o curso, não hesitou em citar o verso de Victor Hugo com o qual iniciei este artigo e que, agora, traduzo livremente: “Foi tudo delicioso e muito bem organizado”.

## Referências

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BROWN, C. Requests for specific language input: differences between older and younger language learners. In: GASS, S.M.; MADDEN, C. (Orgs.). *Input in second language acquisition*. Cambridge: Newbury House, 1985. p. 272-281.

FRIEDAN, B. *The fountain of age*. New York: Simon & Schuster, 1993.

HADDAD, E.G.M. *A ideologia da velhice*. São Paulo: Cortez, 1986.

PIZZOLATTO, C.E. *Características da construção do processo de ensino e aprendizagem de Língua estrangeira (inglês) com adultos da terceira idade*. 1995. 258p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 1995.

\_\_\_\_\_. A sala de aula de língua estrangeira com adultos da terceira idade. In: ROCHA, C.H.; BASSO, E.A. (Orgs.). *Ensinar e aprender língua estrangeira nas diferentes idades: reflexões para professores e formadores*. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 237-255.

PRESTON, D. *Sociolinguistics and second language acquisition*. Oxford: Blackwell, 1989.

PRETI, D. *A linguagem dos idosos*. São Paulo: Contexto, 1991.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.